



## DANÇA EM CRIANÇAS COM SÍNDROME DE DOWN - UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Ricardo Augusto Lopes<sup>111</sup>

[ricardoaglopes1@gmail.com](mailto:ricardoaglopes1@gmail.com)

Quézia Ortlieb<sup>2</sup>

[queziaortlieb@gmail.com](mailto:queziaortlieb@gmail.com)

Ana Clara Melo Santos<sup>112</sup>

[anamelosantos70@gmail.com](mailto:anamelosantos70@gmail.com)

Thiago Camargo Iwamoto<sup>113</sup>

[thiagoiwamoto@outlook.com](mailto:thiagoiwamoto@outlook.com)

O objetivo deste trabalho foi discutir a importância da prática de dança em crianças com Síndrome de Down bem como sua relação com o desenvolvimento motor da mesma. Como metodologia foi realizada uma revisão bibliográfica narrativa a partir de estudos que corroboram para a compreensão do que é dança, Síndrome de Down e a relação entre ambas. Os artigos levantados para o estudo foram encontrados nas bases de dados: Scielo, Pub-Med e artigos da base de dados do Google Acadêmico. A Síndrome de Down é a anomalia genética mais frequente em todo o mundo, estando presente igualmente em todas as nacionalidades, raças e classes sociais. Cerca de 95% dos sujeitos com Síndrome de Down possuem a trissomia do cromossomo 21; 4% possuem a translocação Robertsoniana e 2% possuem o mosaicismos (MUSTACCHI 2000). Dentre as características sindrômicas mais frequentes temos: face arredondada, déficit cognitivo, mão simiesca (mãos curtas e largas com prega transversal única), macroglossia (crescimento anormal da língua), olhos oblíquos, baixa estatura, tendência a obesidade, hipotonia muscular e em casos mais graves podem apresentar comprometimento cardiorrespiratório e até incompatibilidade com a vida (PAIVA, 2014). O Ministério da Saúde estimou no último Censo realizado em 2010 que 45 milhões de brasileiros possuem algum tipo de deficiência seja ela física ou cognitiva. Dessas pessoas 300.000 possuem Síndrome de Down com uma prevalência de 1 para cada 700 nascimentos, (BRASIL, 2012). A Síndrome de Down não possui cura, nem se classifica como uma doença, as crianças com essa síndrome devem ser estimuladas nos âmbitos neuropsicomotor, precisando de uma intervenção precoce e o acompanhamento de uma equipe multidisciplinar (DEA, 2009). Em relação a dança temos por trajetória um paralelo a evolução da humanidade, caminhando juntas desde a era primitiva até nossos dias atuais, podemos conceituar que a dança é um fator da cultura do homem. A linguagem do corpo reflete a influência econômica, social, política e religiosa (GARCIA; HAAS, 2003 apud GONZALES, 2014). Com a dança podemos mais do que movimentar o corpo: Expressar sentimentos, estado de espírito e sensações, não existe um corpo específico para dançar, para isso basta-se ter sentimentos (BORGES, 2007). Dançar é um ato de inclusão social, uma forma de enfrentar barreiras, romper preconceitos, de se tentar viver como uma pessoa não deficiente, afinal deficientes todos nós somos, podemos encontrar em nós qualquer tipo de lesão ou psicopatologia, porém corremos o risco de continuarmos deficientes, pois vivemos em uma sociedade corroída pela divisão de classes (SÉRGIO, 2001). Durante as atividades de dança são trabalhadas experiências sensoriais, imagéticas, emotivas, atividades aeróbias, situações que melhoram o sistema cardiovascular, o

<sup>111</sup> Discente do curso de Licenciatura de Educação Física da Universidade Estadual de Goiás – UEG, unidade Eseffego, graduado em Fisioterapia pela Universidade Estadual de Goiás – UEG.

<sup>112</sup> Discente do curso de Licenciatura de Educação Física da Universidade Estadual de Goiás – UEG, unidade Eseffego.

<sup>113</sup> Docente do curso de Licenciatura de Educação Física da Universidade Estadual de Goiás – UEG.



aparelho locomotor, diminuindo os sintomas de depressão e ansiedade. (NUNES, 2003; SILVA 2001). Os efeitos da dança podem levar essas crianças a atuar diretamente em seus entraves cognitivos, limitações motoras, equilíbrio, locomoção e estímulo do prazer em comparecer as atividades (FRANCA, 2008; LIMA, 2010). Como qualquer outra atividade física deve ser realizada em um ambiente supervisionado por um profissional de saúde, apto a monitorar a sua frequência cardíaca, pressão arterial e qualquer sintoma que por ventura o paciente venha a sentir como: Taquicardia, falta de ar, tontura, hipoglicemia, etc (MIRANDA apud CHIARON, 2008). Este é um dos aspectos chave da Educação Física adaptada que leva os sujeitos considerados deficientes a novas oportunidades respeitando às suas diversidades, contextos sociais e dando apoio e instruções adequadas aos seus familiares. (BRIKMAN, 1989; LEBBER; RIJKE, 2003, GARVÍA, 2005 apud FONSECA, 2011). Como professores de educação física propomos a dança para essas crianças associada a uma intervenção lúdica, sem a preocupação da execução correta de técnicas e regras. A aprendizagem da dança associada a brincadeiras produzirá maiores resultados, o movimento deve explorar mais do que força e amplitude do arco de ação, o trabalho com a criança não necessita ser mecânico, rígido e inflexível. Ao entrarmos no mundo imaginário junto com a criança podemos construir e desconstruir atividades, ao mesmo tempo que fortalecemos nosso vínculo de confiança. Esperamos que esse trabalho tenha ajudado a explorar mais uma opção para auxiliar o desenvolvimento das crianças com Síndrome de Down, o professor de Educação Física deve fazer parte dos profissionais empenhados em auxiliar o crescimento físico, mental, psicológico e social desses sujeitos, assim como os demais membros da equipe multidisciplinar.

*Palavras-chave: Síndrome de Down, Dança, Tratamento da Síndrome de Down com dança*

## Referências

- BORGES, I.A. **A Contribuição das Atividades Rítmicas para o Desenvolvimento da Criança com Síndrome de Down:** Um relato de Experiência. Teresina 2007.
- BRASIL, Ministério da Saúde. **Diretrizes de Atenção à Pessoa com Síndrome de Down.** 1º ed. Brasília-DF, 2012. Acesso em 27/06/2017 as 12:30 em: [http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/diretrizes\\_atencao\\_pessoa\\_sindrome\\_down.pdf](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/diretrizes_atencao_pessoa_sindrome_down.pdf)
- CHIARON, B.M.M. **Dança e Desenvolvimento de Idosos Institucionalizados.** 2008.
- DEA, VHSD, DUARTE, E. **Síndrome de Down Informações, caminhos e histórias de amor** –phorte ed. 2009 são Paulo.
- FONSECA, A.S. Benefícios da Dança em Portadores de Síndrome de Down. **Revista de Psicologia.** vol. 14, nº 20, p. 37-47, 2011.
- FRANCA, A. V.; BOOF, S. R. A influência da dança no desenvolvimento da coordenação motora em crianças com síndrome de Down. **Conexões:** Revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, v 6, nº 0, p. 144- 154, jul. 2008.
- GONZALES, F.J.; DARIDO, S.C.; OLIVEIRA, A.A.B. **Ginástica, Dança e Atividades Circenses.** Editora da Universidade Estadual de Maringá, 2014.
- LIMA, A.P.R., **Dança para Síndrome de Down:** Uma Análise dos Benefícios da Dança para os Portadores de Síndrome de Down. Brasil, 2010.
- MUSTACCHI Z, PERES S (org). **Genética baseada em evidências:** síndromes e heranças. São Paulo: CID Editora; 2000. p. 817-94.
- NUNES, C. Consciência do movimento a educação pelo corpo: dança, terapia e educação: caminhos Cruzados. In: CALAZANS, CASTILHO, GOMES. (org). **Dança e Educação em Movimento.** São Paulo: Cortez Editora, 2003.
- PAIVA, C.F., et. Al. **Síndrome De Down: Etiologia, Características E Impactos Na Família,** 2014
- SÉRGIO, M. Motricidade Humana e Saúde. **Revista da Educação Física.** Maringá, v. 12, n. 2, 2001.
- SILVA, D.R. ET. AL. Intervenções na Educação Física em Crianças com Síndrome de Down. **Revista da Educação Física.** Maringa. v. 12, n. 1, 2001